

Discípulas e discípulos nos caminhos da missão vivem em unidade

“Não peço somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por meio da palavra que eles falarem, a fim de que todos sejam um. E como tu, ó Pai, estás em mim e eu em ti, também eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes transmiti a glória que me deste, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim” (João 17. 20-23)

“No corpo de Cristo, pertencemos uns aos outros, influenciemos uns aos outros e não podemos livrar-nos uns dos outros” (Wiersbe, 1993, p. 11).

Introdução

Em João 17.23, Jesus ora para que seus discípulos e discípulas sejam “aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amastes a mim”. Há uma série de grandes e profundas verdades neste pequeno versículo que temos deixado passar ao largo em nossa vivência diária da fé. A unidade é um requisito que aponta para três confirmações ou testemunhos: 1) que Jesus é o enviado de Deus; 2) que Deus ama o ser humano; 3) que Deus ama o seu Filho, Jesus.

A vivência relacional de nossa fé, como cristãos e cristãs, é apontada por Jesus Cristo como um selo de autenticidade, que demonstra o seu envio da parte de Deus. O mundo reconhece Jesus como Senhor quando a Igreja vive e pratica a unidade. O pecado isola e separa as pessoas. A salvação as restaura e as une. A unidade é um testemunho inegável de que algo sobrenatural acontece entre as pessoas da comunidade de fé. Quando a Igreja se desagrega, ela enfraquece o poder deste testemunho salvífico!

A unidade da Igreja também é sinal, segundo Jesus, de que os discípulos e discípulas são amados por Deus. O amor de Deus pelas pessoas é refletido no amor entre as pessoas. Sem amar o irmão e a irmã que vemos, diz João, não é possível dizer que amamos a Deus (cf 1 João 4.20). De certo modo, Jesus também afirma aqui que o amor de Deus pelas pessoas não é visto ou percebido como testemunho quando as pessoas da comunidade de fé não se amam. De fato, um grande escândalo que sempre afasta as pessoas não-convertidas da Igreja é a incongruência entre o discurso de amor e a prática do afastamento.

Por fim, Jesus amou e se deu pelos seus discípulos e discípulas. Orou pela unidade. E quando Deus atende a essa oração, para que a Igreja seja de fato uma unidade, o amor



de Deus por Jesus é demonstrado. Assim Jesus entende. Por isso Ele ora. Somente estes três pontos já nos devem gerar temor, quebrantamento e arrependimento quando refletimos sobre a unidade na Igreja, não apenas em nosso nível local, mas na própria história eclesial. Estamos interferindo na resposta de Deus a essa oração de Jesus quando resistimos ao chamado à unidade, por qualquer motivo que seja!

Assim, quando se coloca diante de nós o tema “Discípulas e discípulos nos caminhos da missão vivem em unidade”, é necessário voltarmos à Palavra de Deus em busca dos seus conceitos sobre unidade, bem como examinarmos como a Igreja neotestamentária vivenciou a busca por unidade e como os pensadores bíblicos nos conduzem em nossos próprios desafios na contemporaneidade.

A unidade que vem de Deus

Diversas causas justas e até injustas existem neste mundo. Causas humanitárias, de direitos humanos à preservação do meio ambiente, de times de futebol a agremiações estudantis. E por elas, as pessoas se organizam, criam partidos, entidades, projetos. Desenvolvem planos e os colocam em prática para alcançar seus alvos. As pessoas procuram pontos comuns que as aproximem. Criam estratégias para agregar novos membros a esses grupos. Nós, como cristãos e cristãs, nos identificamos com diversas pautas que existem em diferentes grupos e também damos nossa contribuição.

Mas a Igreja possui uma dimensão que transcende qualquer outra causa. Pessoas cristãs devem procurar diligentemente os pontos em comum que sejam capazes de produzir unidade e agregação entre si. Mas, ao fim, o que dá liga à unidade dos cristãos e cristãs é o próprio Deus, por meio do Espírito Santo, mediante o sangue remidor de Cristo Jesus, que restaura a nossa comunhão com o Pai.

Na oração feita por nosso Senhor, fica evidente que cada cristão ou cristã que se integra ao Corpo de Cristo passa a fazer parte dessa unidade divina e humana. Esta pessoa está unida a Cristo e unida ao Pai e, por isso, unida a cada irmão e irmã. Assim, a Igreja estará unida como um todo coeso. Nesta perspectiva, não se encontra espaço para a pessoa crente estar fora do Corpo de Cristo e se considerar um cristão ou uma cristã plena e em unidade. Quem não está unido(a) à Igreja também não está unido(a) a Deus e ao propósito de salvar o mundo.

Já abordamos neste quinquênio o tema da integridade. Ele se encontra ligado ao da unidade, pois, como nos lembra Wiersbe, “Deus está unindo as coisas e o pecado as está separando. Deus deseja unidade, o diabo quer divisão. O propósito de Deus é ‘fazer convergir nele (Cristo) todas as coisas’ (Efésios 1.10) e Cristo não pode aceitar neutralidade. (...) A Igreja é o principal instrumento que Deus tem neste mundo para unir as coisas; e a fim de bem executar o seu trabalho, ela própria precisa possuir inteireza. Se há um lugar onde o povo golpeado de nossa sociedade fraturada deve



procurar integridade é na igreja local. Afinal, nós, cristãos, estamos reconciliados com Deus e unidos uns aos outros; portanto, as pessoas têm todo o direito de esperar ver integridade na Igreja” (Wiersbe, 1993, p. 13). Percebe-se nesta inquietadora provocação de Wiersbe que os temas da integridade e da unidade exigem muito de nós: uma convicção de dependência de Deus que nos tire cada vez mais do egoísmo e nos leve, de fato, cada dia, rumo à santidade que é também social.

O modelo da unidade perfeita se encontra na Trindade

A perfeita unidade que se encontra na Trindade é o modelo pelo qual a Igreja deve se orientar. Na Trindade, Deus Pai, Filho e Espírito manifestam graciosidade, cooperam com o propósito, fazem girar o amor ágape. O Espírito testifica do Pai e do Filho. O Filho revela o Pai e concede o Espírito. O Pai envia o Filho e derrama sobre Ele o Espírito. Não há egoísmo ou centralização. Cada qual coopera para o todo.

O modelo da Trindade expressa a perfeição do que Deus pretende ao revelar sua glória à Igreja. A unidade da Trindade é tão intrínseca e perfeita que os três são o único Deus. Observa-se que apesar de serem um e iguais em essência, cada um exerce um papel diferente e são personalidades diferentes. A beleza da Trindade se encontra em que eles sejam diferentes e perfeitos na unidade.

Jesus, em seu relacionamento com o Pai, desfruta de intimidade, numa relação de amor. Eles atuam de modo profundo, que somente acontece a quem é capaz de conhecer o que está no coração do outro. Por isso, interagem na realização dos mesmos propósitos. Tudo o que Jesus ia realizar, antes Ele submetia ao Pai para sua aprovação. O desejo do Pai é plenamente realizado no Filho. Ao voltar para Deus, Jesus envia o Consolador, cuja tarefa – entre outras – é fazer lembrar o que o Filho ensinou, a mando do Pai. O Espírito confirma, testifica, capacita para que os discípulos e discipulas sigam manifestando a glória de Deus, revelada em Jesus.

Unidade: um desejo de Deus

É simples e óbvio: Deus deseja a unidade do seu povo. Desde o Antigo Testamento encontramos a manifestação deste desejo de Deus. Um dos mais evidentes e conhecidos textos bíblicos é o Salmo 133. Ali, é ensinado que a unidade atrai a bênção de Deus sobre o seu povo. O povo israelita foi escolhido para ser luz para as nações (Isaías 51.4). As demais nações, ao verem a ação de Deus sobre a vida desse povo, iriam reconhecê-lo como único Deus.

Israel não agiu do modo como Deus esperava. De muitas maneiras, o judaísmo transformou-se numa religião limitada e segregadora, que excluía as demais nações da possibilidade da salvação, pois não eram “descendência de Abraão”. Deus, porém, não



desistiu de seu propósito. Ele enviou o seu Filho para cumprir o seu desejo. Nele houve a reconciliação e todos os povos o adorarão e viverão em unidade. Esta promessa escatológica é uma conquista de Cristo e é fruto da obra divina.

Unidade no Novo Testamento

A Igreja que surge a partir da morte e ressurreição de Cristo recebeu, à semelhança do povo de Israel, o desafio de viver em unidade e de abençoar todas as pessoas da terra com o anúncio da salvação. Jesus pediu “Não somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por meio da palavra que eles falarem, a fim de que todos sejam um. E como tu, ó Pai, estás em mim e eu em ti, também eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (João 17.20-21). Jesus ora pelos discípulos e discípulas do presente e do futuro, pois a unidade entre eles e elas é um reflexo da unidade que existe na própria Trindade. Essa unidade, expressa de modo pleno, manifesta a glória de Cristo, promovendo a salvação por meio de sua morte e ressurreição. É um atestado ministerial!

Na Carta Pastoral para o biênio 2010-2011, os bispos e a bispa nos afirmam: “A Igreja, antes de ser organização, instituição ou grupo social, é um Corpo, um organismo vivo, uma comunidade de Cristo (Efésios 1.22-23; 1 Coríntios 12.27). Sua vivência deve ser expressa como comunidade de fé, adoração, crescimento, testemunho, amor, apoio e serviço (Atos 2. 42-47; Romanos 12.9-21). Nessa comunidade, metodistas recebem despertamento e alimento, crescem, compartilham, vivem juntos, expressam sua vivência e fé, edificam o Corpo de Cristo, são equipados[as] para o serviço e o expressam junto das pessoas e das comunidades (1 Coríntios 12.16-26; 2 Coríntios 9.12-14. Efésios 4.11-16)”. As bases bíblicas citadas pelo Colégio Episcopal não deixam dúvida de que o fundamento da Igreja e seu próprio conceito passam pelo tema da unidade.

Paulo exorta os efésios sobre a importância da unidade:

“Fazendo tudo para preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz. Há somente um corpo e um só Espírito, como também é uma só a esperança para a qual vocês foram chamados. Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos” (Efésios 4.3-6)

Como a unidade acontece?

Em 2011, foi lançada a Carta Pastoral “Para que todos sejam um – a perspectiva Metodista para a unidade cristã”. Ela traz orientações muito importantes para a nossa prática do tema. Será importante reler essa pastoral à luz do tema de 2020 – Discípulas e discípulos nos caminhos da missão vivem em unidade.



Considerando a unidade a partir da perspectiva bíblica, mas também levando em conta a cultura evangélica brasileira na qual nos forjamos, é preciso destacar que unidade não quer dizer uniformidade.

É óbvio que existem alguns elementos doutrinários, eclesiais e pastorais que regem nossa fé cristã. Relembremos alguns deles: Sermões de John Wesley, os Vinte e Cinco Artigos de Religião, as Notas do Novo Testamento e outros documentos como as cartas pastorais emitidas pelo Colégio Episcopal. Caso discordemos desses elementos basilares, devemos repensar se somos metodistas mesmo. Porque se vivermos criando discórdias e movimentos que dividem a unidade interna da Igreja, trabalharemos contra o testemunho que a Igreja deve dar ao mundo, como vimos à luz de João 17.

Para desenvolvermos a unidade cristã que aqui afirmamos, devemos ter em conta as seguintes práticas:

- 1 – Centralizar nos princípios imutáveis da Palavra de Deus qualquer relacionamento de unidade.
- 2 – Trabalhar a dinâmica do respeito mútuo, independentemente de posição ou cargo que se ocupe na estrutura da Igreja.
- 3 – Obedecer às decisões emanadas dos Concílios Gerais, Regionais, Distritais e Locais.
- 4 – Criar um ambiente de fraternidade e respeito contribuindo para a unidade interna.
- 5 – Criar ambientes que favoreçam a unidade da Igreja Metodista, priorizando relacionamentos saudáveis na família, na igreja, no trabalho e em sociedade.
- 6 – Valorizar o que de melhor possa haver no pensar teológico cristão de quem pensa de modo diferente.

John Wesley sentiu na pele o desafio da unidade durante seu ministério. Diante das controvérsias e dificuldades, ele lutou ardentemente para que os membros da Igreja da Inglaterra permanecessem unidos. Não era o seu desejo a fundação de um novo movimento. Para isso, em particular, ele ressaltava o papel do presbítero (ainda não havia a ordenação de mulheres). Duncan Reily [2010, 1993], explica essa preocupação nos seguintes termos: “para Wesley, o ministério do presbítero é uma ordem essencial para a vida da Igreja, cuja vocação seria assegurar a unidade, a sucessão apostólica, a boa pregação da Palavra e a correta ministração dos sacramentos”. O pastor ou pastora, na igreja local, deve considerar seu lugar como fomentador da unidade e seu ministério deve assegurar o desenvolvimento do sacerdócio de todos os crentes, em comunidade, no serviço às pessoas, sem rupturas no corpo”. Contextualizando a experiência de Wesley, nosso desafio como cristãos e cristãs metodistas, especialmente presbíteros e



presbíteras, é comprometer-nos com a renovação da Igreja a que servimos e da qual somos membros, sem causar divisões.

Do mesmo modo, há em nossa teologia e prática a percepção de que não somos uma Igreja isolada, mas um ramo da videira. Neste sentido, temos o chamado a contribuir com a unidade cristã com as comunidades e órgãos que professam a fé cristã mas não são de tradição wesleyana. Para fazê-lo de modo sadio e dinâmico, necessitamos conhecer bem nossas doutrinas, eclesiologia e pastoral.

Não podemos permitir que a unidade cristã, tão cara e preciosa ao nosso Deus, seja instrumentalizada para fins distintos da ordenança bíblica, que é “testemunhar para que o mundo creia”. A Igreja Metodista não pode se envolver com organizações ou situações de caráter duvidoso, que possam causar cisões ou desviar-nos do propósito divino.

Ao participar de atividades com outras pessoas ou grupos cristãos, devemos, para preservar a unidade cristã, seguir algumas orientações:

1. Respeitar as individualidades e dar um bom testemunho da Palavra.
2. Nos programas de culto em conjunto, cuidar para que elementos próprios (particulares) de cada denominação não sejam incluídos na programação.
3. Focar em coisas que favoreçam a unidade, pontos em comum entre as igrejas.
4. Observar as liturgias quando o culto ocorrer em nossos espaços, verificando se elas refletem o que pensamos como Igreja Cristã.
5. Orientar os irmãos e irmãs para se conduzirem de modo salutar dando um bom testemunho cristão em qualquer envolvimento para um bom exercício de unidade.
6. Participar em programações que fortaleçam a unidade do povo de Deus.

Além disso, oportunidades se abrem para estarmos na sociedade, em eventos e atividades promovidos por organizações laicas. A participação é legítima, pois somos sal da terra e luz do mundo, e não vivemos isoladamente. Cabe lembrar que movimentos de cunho político-partidário devem ser evitados, pois não alimentam a unidade cristã e podem nos colocar em situações até mesmo contrárias à Palavra de Deus. Entretanto quando são atividades da vida da cidade, do bairro ou da comunidade – como aniversários, festas e celebrações cívicas – participamos e damos nossa contribuição pregando a Palavra de Deus.

Unidade como requisito missionário

Jesus diz que é por meio da unidade que o mundo crerá nele (João 17.21). Com esta afirmação, revela o caráter missionário da unidade. Igreja que vive em unidade testemunha o grande amor de Deus para a salvação do mundo (João 3.16-17).



Por isso, a quebra da unidade prejudica a missão de Deus no mundo e depõe contra a obra missionária que compete à Igreja realizar. Contendas e cisões mostram ao mundo que não estamos cumprindo o Ide. Ao pecarmos contra a unidade do corpo, é como se estivéssemos dizendo ao mundo que Deus sequer ouviu a oração que Jesus lhe fez! Que grave pecado é este! Wesley, em seus escritos, asseverou: “Creio que Cristo, pelos seus apóstolos, ajuntou para si uma Igreja, à qual continuamente acrescentava aqueles que iam sendo salvos; que esta Igreja Católica (isto é, universal), estendendo-se em todas as nações e todas as eras, é santa em todos os seus membros que têm comunhão com os santos anjos, que constantemente ministram aos herdeiros da salvação” (cf. Carta a um Católico Romano, p. 9).

Somos chamados e chamadas ao arrependimento e ao quebrantamento de coração, retomando a unidade como mandamento do Senhor para nós e requisito para sermos bem-sucedidos e bem-sucedidas ao evangelizar e pregar. Afinal de contas, a Bíblia e a história nos comprovam que todo grande mover de Deus começa com os corações se quebrantando para seguir sua voz. E ela segue afirmando: “Que sejam um!”

Conclusão

Um chamado urgente e perseverante ao povo metodista é lutar com as armas do amor e da graça, pela unidade da Igreja e do Corpo de Cristo, a começar pela igreja local. Num tempo de divisão, egoísmo e fragmentação da Igreja, o caminho da unidade se expressa nas palavras do apóstolo Paulo: “peço que vocês vivam de maneira digna da vocação a que foram chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando uns aos outros em amor, fazendo tudo para preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Efésios 4.1-3). A motivação e o objetivo é o mesmo apresentado por Jesus: “a fim de que todos sejam um. E como tu, ó Pai, estás em mim e eu em ti, também eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (João 17.21).

Manter a unidade é manter a vida e a força da Igreja, pois seu testemunho de unidade deve gerar vida, inspiração, esperança, vocação, integração, motivação, presença comunitária e nas celebrações, alegria de estar juntos, vontade de servir juntos, visão missionária e discipuladora, elementos fundamentais na vivência do Corpo de Cristo.

A Igreja unida e viva em Jesus Cristo reproduz o convite do Senhor para que todos e todas recebam vida em abundante, cura para a alma, refrigério para as dores, alívio para os pesos da vida. (cf Mateus 11.28-30; Gênesis 12.1-3).

Assim, concluímos esta Carta Pastoral reafirmando a importância da unidade cristã como sinal visível da ação do Senhor Jesus no meio da Igreja, pela ação do Espírito Santo, e mais uma vez convocamos o povo chamado metodista em terras brasileiras a preservar a unidade no Corpo de Cristo, a partir das igrejas locais e da denominação. Sigamos sempre o conselho de Wesley: “Guardai-vos dos cismas, de fazer divisões na Igreja de Cristo. Aquela desunião interior dos irmãos, quando deixam de amar uns aos outros (1 Coríntios 12.25), é a raiz de toda a contenda



e separação exterior. Evitai essas coisas. Guardai-vos de tudo que se assemelhe ao espírito de divisão (...) Tudo isto tende a originar ou fomentar divisão e separar o que Deus uniu” (Explicação clara da Perfeição Cristã).

Referências

REILY, Duncan A. Revista Caminhando, v. 4, n. 1 [6], p. 24-32, 2010 [2ª ed. on-line; 1ª ed. 1993].

BÍBLIA. Português. Edição Nova Almeida Atualizada (NAA). Disponível em <https://www.bible.com/pt>.

IGREJA METODISTA. Colégio Episcopal. Testemunhar os sinais da Graça na Unidade do Corpo de Cristo. Pastoral do biênio 2010-2011. Disponível em <https://bit.ly/2N3hStf>.

IGREJA METODISTA. Para que todos sejam um. Pastoral dos bispos e bispa. Agosto de 2009. Disponível em <http://www.metodista.org.br/arquivos/v/cartas-pastorais>.

WESLEY, John. Explicação clara da Perfeição Cristã. Disponível em <https://bit.ly/2Fuwi1m>.

WIERSBE, Warren. A crise de integridade. São Paulo: Vida, 1993.

Ênfase 4: Fortalecer a Identidade, Conexidade e Unidade da Igreja

Confira na íntegra o texto sobre a 4ª Ênfase Missionária da Igreja Metodista. O conteúdo foi publicado no Plano Nacional Missionário de 2017, pela Angular Editora. Veja em nosso site todas as ênfases missionárias da Igreja Metodista.

Falar sobre identidade metodista implica compreender quem somos e por que existimos no tempo (história) e no espaço (geográfico/social). A nossa estrutura organizacional, nossos documentos e as nossas práticas ministeriais demonstram o nosso modo de ser Igreja, no contexto do mundo cristão, especificamente evangélico, no Brasil. Temos valores institucionais que definem a nossa identidade metodista:

- Somos uma comunidade fundamentada na Bíblia, pois cremos que ela é a revelação da Palavra de Deus e contém tudo quanto é necessário para a salvação, bem como para a prática do discipulado cristão;
- Somos uma comunidade conciliar, organizada nacionalmente, com relações de conexidade entre as Regiões Eclesiásticas, Regiões Missionárias, Distritos, Igrejas Locais, Campos Missionários, Pontos Missionários e Instituições Teológicas, Sociais e Educacionais em seus diversos âmbitos de atuação;
- Somos uma comunidade de governo episcopal, alicerçado no carisma pastoral da Ordem Presbiteral, guardião da doutrina e da unidade do povo metodista brasileiro;
- Somos uma comunidade de discípulas e discípulos organizada em Dons e Ministérios sob um sistema representativo no qual as diferentes instâncias de liderança e de representação têm a sua legitimidade reconhecida, forjada e oriunda das igrejas e comunidades locais.



Reconhecemos que a nossa forma de organização institucional tem fundamentos bíblicos/teológicos/missiológicos que embasam a unidade da Igreja:

1. A Oração Sacerdotal de Jesus: “Não peço somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por meio da palavra que eles falarem, a fim de que todos sejam um. E como tu, ó Pai, estás em mim e eu em ti, também eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes transmiti a glória que me deste, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim” (João 17.20-23).
2. O apelo do apóstolo Paulo à unidade da fé: “Fazendo tudo para preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz. Há somente um corpo e um só Espírito, como também é uma só a esperança para a qual vocês foram chamados. Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos” (Efésios 4.3-6).

Objetivos

1. Fortalecer a identidade metodista e seus valores em termos de vida e missão de cada membro leigo e clérigo;
2. Fortalecer a dimensão da conexão metodista a partir dos ministérios leigo e clérigo como “característica fundamental e básica para a sua existência, tanto como movimento espiritual quanto como instituição eclesial”;
3. Fortalecer a unidade da Igreja a partir do testemunho pastoral: “No essencial, unidade; no não essencial, liberdade; em tudo, caridade”;
4. Fortalecer o processo comunicacional na vertente interna para proporcionar a unidade, firmar a conexão e aprimorar a circulação de orientações e informações;
5. Implantar metodologias de trabalho para que o tema da unidade, tanto na sua forma interna quanto externa, seja discutido e destacado como responsabilidade de toda comunidade de fé com base em princípios bíblicos, teológicos e históricos a partir da visão e tradição wesleyana do século XVIII;
6. Promover estudos sobre as bases bíblico-teológicas que são referências para a Igreja Metodista sobre o tema da unidade;
7. Reafirmar a unidade como ferramenta de ruptura de disputas e o fortalecimento do diálogo como forma de aprendizado para superar a falta de unidade interna e externa da Igreja Metodista;
8. Ministras as novas cartas pastorais do Colégio Episcopal e documentos da igreja nos encontros nacional, regionais de pastoras e pastores, Congressos de Federações e Confederações.

Sugestões de Ação

- Organização de seminários e cursos voltados para a vida cívica da Igreja Metodista: música, liturgia, símbolos litúrgicos, artes, etc., atentando para a qualidade da teologia, dinamismo, criatividade, propósito e edificação da Igreja;



- Análise da teologia dos cânticos atuais para identificação das divergências com a teologia metodista, evitando assim o desequilíbrio entre tradição e contextualização da nossa fé;
- Revitalização do uso do Hinário Evangélico e de outras canções religiosas que fazem parte da nossa história;
- Promoção de festivais de música para produção de uma hinologia metodista;
- Garantia de que o Expositor Cristão cumpra sempre com seu propósito de ser veículo de unidade, identidade e motivação para a missão da Igreja;
- Promoção de encontros, fóruns e debates para aprofundamento do tema da Identidade, na perspectiva de uma Igreja conciliar, conexional e de governo episcopal;
- Reelaboração, a partir do documento existente, da Pastoral do Colégio Episcopal sobre família;
- Reforço da importância da Escola Dominical como espaço de doutrinação, edificação e capacitação do povo para o cumprimento da missão, integrado plenamente ao trabalho da Igreja em suas diversas ações;
- Produção de materiais para as diversas faixas etárias, para grupos pequenos, para o preparo de novos discípulos e discípulas;
- Aumento do investimento para que a distribuição de material seja cada vez mais eficiente junto às igrejas locais, facilitando assim o acesso aos materiais produzidos pela Igreja;
- Ações para divulgação, promoção e estudo dos temas bienais da Igreja;
- Publicação de uma cartilha com orientações para que todas as igrejas locais estudem os temas bienais e estabeleçam suas formas de implementação, avaliação e controle.

